

Presença de Newton Bethlem

Partiu, sem estrépito, deixando-nos o eco de sua voz firme e vigorosa, o Professor Bethlem. Em plena capacidade intelectual, na argúcia que marcou sempre sua presença ativa, traiu-lhe o corpo, tantas vezes vencido na doença, pela determinação e gosto pela vida da cabeça que o comandava. Ainda duas semanas antes o havíamos recebido em Jornada Científica no Rio de Janeiro, com a mesma disciplina e viço com que tomou parte em qualquer atividade científica, como o professor perfeito, jamais fazendo distinção entre o porte ou a importância do evento e o tamanho da audiência. Com igual desenvoltura exibiu seu protagonismo desde as aulas regulares nas cátedras, às reuniões científicas mensais da Sociedade de Pneumologia e Tisiologia do Rio de Janeiro, às bancas de teses, até às conferências em congressos brasileiros ou no exterior.

Nascido no Rio de Janeiro, a 20 de agosto de 1916, formado médico pela Universidade do Brasil em 1937, este carioca da gema amou a cidade, sua gente e seu mar, que mirava com encantamento de suas janelas, em frente à Praia do Leme. Como médico conseguiu, com rara habilidade, harmonizar a atividade institucional pública com a prática privada, tirando de ambas um permanente ensinamento que soube transmitir, com o mesmo entusiasmo, ao longo de sua vida. Em duas universidades públicas desenvolveu sua trajetória de professor: Na UniRio (então Escola de Medicina e Cirurgia) foi aprovado em concurso para Professor Titular de Pneumologia em 1964. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro trabalhou no Instituto de Tisiologia e Pneumologia como assistente do Dr. Ibiapina, substituindo-o na Direção do Instituto, cargo que exerceu até 1968. Neste período igualmente dividia a regência da disciplina de Pneumologia com o Prof. Hélio Fraga, assumindo, já no Hospital Universitário, em 1978, a titularidade da cadeira na mesma Universidade. A tuberculose nutriu seu interesse científico por décadas, nada pelo lirismo já então arcaico, mas pela magnitude que – com sabedoria ele conseguiu antever – a epidemia tomaria neste final de século.

Eleito para a Academia Nacional de Medicina em 20 de julho de 1964, teve participação constante entre seus confrades que hoje não apequenam a falta que faz, nas suas tardes de quintas-feiras, o senso e a presença “do Bethlem”.

Fez do 20 de agosto, seu dia de aniversário, data de escolhas que marcaram sua biografia: em 1940, casou-se com Lia Pamplona Bethlem, para nós que partilhamos de seu convívio, a suave e corajosa Dona Lia, sua companheira nestes 58 anos e mãe de seus cinco filhos, Antonio Carlos, Patrícia, Guilherme, Eduardo e Maria Tereza. Estes lhe deram quatro netos, Fernanda, Letícia, Carolina e Marcos,

depositários de sua lúcida esperança em um mundo melhor, onde a ciência e a tecnologia, de par com as virtudes mais nobres, contribuiriam para humanizá-lo, acima de tudo. Foi também num 20 de agosto, em 1964, que assumiu a cadeira 59 da Academia Nacional de Medicina, para a qual havia sido eleito em julho do mesmo ano. Em 1996 pudemos oferecer-lhe a festa de seus 80 anos, quando, com graça e especial senso de humor, entre nós circulava sua prosa e seus planos, que àquele momento incluíam – e ele conseguiu – assistir à defesa de tese de doutorado de Eduardo, junto à Escola Paulista de Medicina.

A visão cosmopolita da atividade científica o levou, desde 1957, a estabelecer relações internacionais com a WASOG (*World Association of Sarcoidosis and Granulomatous Diseases*), participando regularmente de suas reuniões e atuando como pesquisador no “Inquérito internacional para validação do Teste de Kwein”. Sua *expertise* e estreita relação com Geraint James e Om Sharma nos permitiu contar, por diversas vezes, com suas presenças no Brasil e alavancou seu papel pioneiro no estudo da sarcoidose e outras granulomatoses no Brasil.

Não sabemos quantas árvores plantou ou se o fez, mas, além de sua prole, fez teses, publicou trabalhos e escreveu livros, o Professor Bethlem, e com que gosto! Seu “Pneumologia”, editado pela Atheneu desde 1973 em primeira edição, e cuidadosamente revisado para as edições posteriores em 75, 84 e 95, tem sido fonte de consulta e *vademecum* de estudantes e médicos, generalistas e especialistas, justamente pelo cuidado com a atualização, pelo valorizar as contribuições originais e pela grandeza com que soube incorporar, como colaboradores, colegas que, ao longo do tempo, foram aportando conhecimento atualizado sobre outros temas. “Tuberculose na Infância”, em colaboração com o Prof. Clemax Sant’anna, é outro livro tão presente na prática clínica de tantos de nós, desde sua primeira edição de 1988.

Sua genuína fé cristã sempre lhe foi o oposto do aprisionamento, ou de mero conforto; foi, ao contrário, fonte de instigação e de rigor ético, quer na curiosidade científica, quer na busca da consistência histórica, no que esta traz em si de factual e de racoconto puro. Para nós, seus alunos, amigos, colegas, pacientes e familiares, que tivemos o privilégio de conviver com Newton Bethlem, ficam a vigília, a generosidade, a paixão pelo novo e, sobretudo, o que nos engrandece, como o sopro de vida, aquele que anima a argila humana.

MARGARETH PRETTI DALCOLMO